

O que revela a análise dos dados financeiros de 30 clubes brasileiros de futebol das séries A e B

Estudo da EY aponta que futebol nacional passa por transformação em direção a uma maior governança e disciplina financeira

Por Rafael Rosas, Valor — Rio

21/05/2023 12h44 · Atualizado há 3 horas



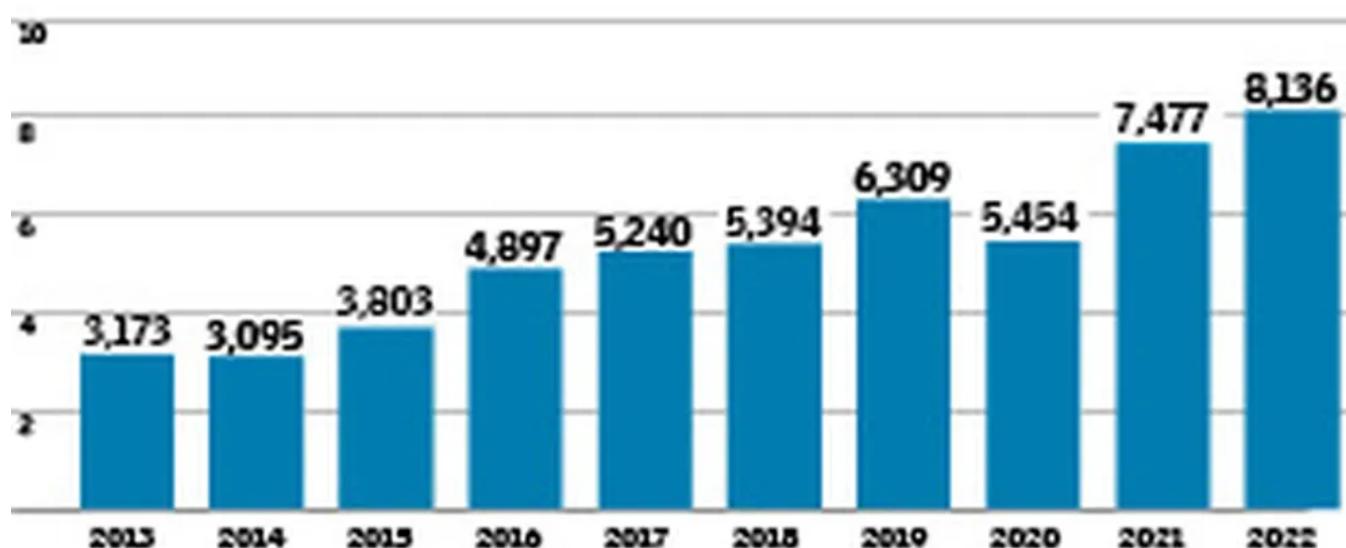
Estádio Maracanã — Foto: Felipe Dana/AP

Os principais **clubes brasileiros de futebol** viram suas **receitas** subirem de forma praticamente constante nos últimos 10 anos, acompanhadas de um **endividamento** também crescente. A boa notícia é que a análise dos dados financeiros de 30 agremiações nacionais das **séries A e B** aponta que o futebol nacional passa por um momento de transformação em direção a uma maior **governança** e disciplina financeira.

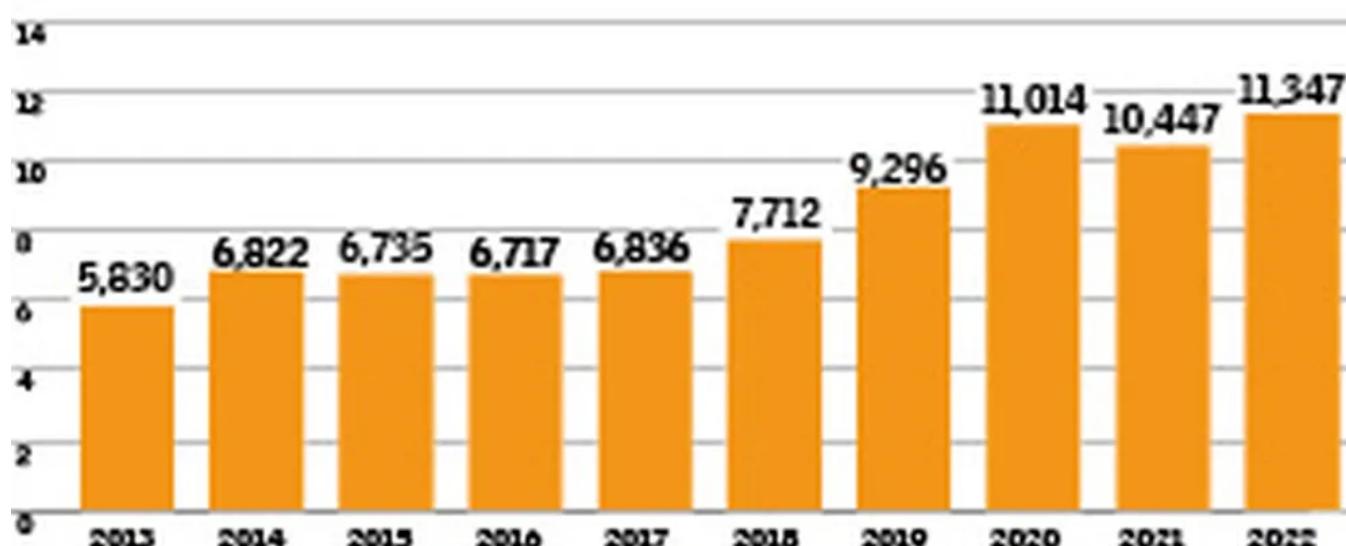
É o que mostra estudo da **EY** obtido com exclusividade pelo **Valor**, que aponta ainda que a receita nominal dos 30 clubes estudados subiu 156% entre 2013 e 2022, passando de R\$ 3,17 bilhões para R\$ 8,13 bilhões no período. Em termos reais, com o desconto da **inflação**, o avanço foi menor, de 50%.

Futebol com mais receita e mais dívidas

Faturamento nominal total dos clubes (em R\$ bilhões)



Endividamento líquido total dos clubes (em R\$ bilhões)



Fonte: EY

— Foto: Arte/Valor

No mesmo período, o endividamento líquido teve um salto de 94,6%, pulando de R\$ 5,830 bilhões, em 2013, para R\$ 11,347 bilhões, no ano passado. O estudo considera 19 clubes que

disputaram a Série A no ano passado e 11 que jogaram a Série B.

“Nos últimos dez anos, a gente percebe, na situação financeira dos clubes, uma notória evolução da geração de receita recorrente e não recorrente. E, por outro lado, infelizmente uma evolução em relação ao endividamento”, resume Gustavo Hazan, diretor-executivo para o mercado esportivo da EY.

Ele destaca que, em relação ao endividamento, o melhor parâmetro de observação acaba sendo a métrica de quantas vezes o indicador de dívida é maior que a receita. Neste sentido, são nove os clubes que estão com essa relação acima dos 2,5 vezes, o que Hazan considera uma situação de “alerta”. Ainda assim, diz, a análise mostra que, dessas nove equipes, sete estavam na Série B no ano passado, o que reduz muito o volume de receitas.

Para se ter uma ideia, Hazan exemplifica que um time da Série A recebe, “de largada”, uma verba de direito de transmissão entre R\$ 60 milhões e R\$ 65 milhões, enquanto uma equipe da Série B fica com algo entre R\$ 8 milhões e R\$ 9 milhões. E, das sete equipes desse grupo que estavam na Série B em 2022, três — **Bahia, Cruzeiro e Vasco** — conseguiram subir e vão disputar a principal divisão do futebol brasileiro em 2023.

Além dos três citados, **Guarani, Botafogo, Ponte Preta, Atlético Mineiro, Sport e Vila Nova** aparecem com um endividamento líquido acima de 2,5 vezes a receita total. O clube de **Campinas** lidera com endividamento 8,49 vezes maior que a receita.

“Tem um grupo de clubes que está altamente alavancado. Se alguns clubes fossem empresas, talvez estivessem em um processo quase sem retorno”, diz Hazan.

O Atlético Mineiro aparece ainda como o maior endividamento líquido individual entre os 30 clubes, com R\$ 1,57 bilhão, mas Hazan pondera que o clube tem uma grande torcida e, agora, um estádio próprio que se transformará num gerador de receita, o que dá ferramentas para redução desse montante. Depois do Atlético, os maiores endividamentos são do Cruzeiro, com R\$ 1,18 bilhão; do Botafogo, com R\$ 1,04 bilhão; do Corinthians, com R\$ 927 milhões; do Vasco, com R\$ 679 milhões; e do **Fluminense**, com R\$ 678 milhões.

SAF e sociedades anônimas

O executivo explica ainda que o advento da **Lei da Sociedade Anônima de Futebol (SAF)**, que permite que sociedades anônimas gerenciem o futebol dos clubes, surgiu para auxiliar os clubes que não conseguiram controlar as finanças — embora a legislação também seja usada por equipes em boa situação financeira.

“Um grupo de clubes está fazendo processo de reestruturação via acordo de credores, recuperação, aporte de investidor. Talvez o cenário de médio e longo prazo no Brasil seja melhor que o atual”, frisa Hazan. Na Série A deste ano, Botafogo, Bahia, Vasco, Cruzeiro e **Cuiabá** são SAFs.

Em termos de receita, o levantamento mostra que **Flamengo** e **Palmeiras** seguem dominando os valores recebidos no futebol brasileiro. As duas agremiações mais **Corinthians**, **São Paulo** e **Internacional** concentraram 49% dos R\$ 8,14 bilhões arrecadados pelos 30 times estudados. A receita recorrente total, que não considera a venda de atletas, foi de R\$ 6 bilhões, 1% abaixo do ano anterior, e 52% dela também ficaram concentrados em cinco equipes — com o Atlético Mineiro no lugar do Internacional nesse grupo.

O Flamengo lidera desde 2019 a lista de maiores receitas do futebol brasileiro e obteve no ano passado R\$ 1,177 bilhão no total, seguido pelo Palmeiras, com R\$ 867 milhões. A seguir, o Corinthians arrecadou R\$ 777 milhões no ano passado; o São Paulo ficou com R\$ 661 milhões e o Internacional, com R\$ 467 milhões. Nesse ponto, a EY analisou um viés que alia receita com desempenho esportivo.

Brasileirão, Copa do Brasil e Libertadores

A pesquisa faz um corte nos últimos cinco anos e considera as três principais competições disputadas pelos clubes brasileiros em um ano — **Brasileirão, Copa do Brasil e Libertadores da América**. Nos 15 troféus disputados nesse período, Flamengo e Palmeiras, as maiores receitas, venceram dez deles — com o adendo de que a Libertadores também é disputada por clubes de fora do Brasil. Foram duas Libertadores, dois Campeonatos Brasileiros e uma Copa do Brasil para cada um.

“Os números falam por si só. Nos últimos anos, os clubes com maior potencial financeiro, e também maior capacidade de gestão e governança, são os clubes que estão conseguindo melhor performance esportiva”, diz Hazan.

O especialista ressalta que esse dado não significa que clubes com receita menor não consigam ter uma boa performance esportiva. Ele destaca que a boa governança é fundamental para que as metas sejam alcançadas no campo de jogo.

Hazan cita o **Athletico Paranaense** como exemplo de time com boa governança e que, entre as receitas, figurou “apenas” a sétima receita no ano passado, com R\$ 371 milhões. O time foi, em 2022, vice-campeão da Libertadores.

“Além da receita, tem componentes de estrutura adequada, processos, governança, estratégia, gestão de médio e longo prazo. É como se fosse uma empresa normal. Não pode lidar com

um clube como se fosse um ator separado da vida normal de uma sociedade empresarial", pondera Hazan.

O executivo da EY afirma que a fotografia de 2022 do futebol brasileiro mostra um setor que está em um "momento de transformação". E afirma que essa transformação está calcada em três pilares, sendo a aprovação da Lei da SAF o primeiro deles, ao abrir a possibilidade de o futebol do clube passar de uma associação para uma empresa.

Liga nacional

Outro pilar está na esperada criação da **liga nacional**, que deve acontecer este ano. "A partir dela, será possível discutir o produto futebol e negociar de forma centralizada os direitos, alavancando as receitas", diz Hazan.

O terceiro pilar é o "fair play" financeiro, que impede que clubes gastem mais do que arrecadam, sob o risco de receberem penalizações. "Com esses três pilares, vamos de fato ter alavanca de transformação no futebol. E clubes que são grandes historicamente terão que se movimentar", diz o executivo da EY.

Mais do Valor Econômico



Bancos elevam projeção para expansão do crédito neste ano para 8,1%

Revisão foi puxada pela alta na expectativa do desempenho do crédito direcionado

22/05/2023, 12:18 — Em Finanças

Ministérios divulgam nota de repúdio contra ataques a Vinícius Jr.